

MARGARIDA HOFMANN WINDHOLZ

«Sou filha de imigrantes judeus alemães. Chegamos ao Brasil em fins de 1936, relativamente cedo, antes da 2a. guerra mundial e do Holocausto. Tivemos muita sorte; meus pais tiveram que fugir para que meu pai não fosse preso pela Gestapo, como muitos outros e assim eles vieram para cá, tendo deixado praticamente todos seus bens na Alemanha e tendo que recomeçar a vida deles aqui. Portanto, não vivemos diretamente a época de maior perseguição, o mais pesado da vivência mesmo da Guerra e dos campos de concentração, apenas indiretamente, porque a maior parte dos nossos parentes, e que não conseguiram sair, morreram nos diversos campos de concentração. Minha irmã gêmea e eu tínhamos nove anos ao chegarmos aqui, de modos que praticamente toda nossa vida escolar se deu aqui. Mas, embora tivéssemos tido esta sorte, pesou muito em nós, como crianças, o que estava acontecendo na Europa, através de notícias que chegavam. Primos nossos, enviados para um centro para crianças na Holanda, enquanto os pais procuravam meios de sair da Alemanha, foram fuzilados pelos alemães na frente do diretor, que ficou para ser morto no fim. Esta notícia, em especial, marcou muito. Lembro de estar sentada na classe e olhando à minha volta, sentindo-me muito mais velha do que meus colegas, alguns com mais idade do que nós. Mas, apesar de tudo isso, graças aos esforços dos meus pais, tivemos uma infância e adolescência muito felizes. Eramos só nós duas filhas, gêmeas idênticas, muito ligadas.

Nossa vida escolar começou aqui no Mackenzie, sempre fomos excelentes alunas, sem falsa modéstia. Tínhamos uma vida social, intelectual e religiosa muito ativa (venho de uma família de judeus praticantes), preocupação e realização de meus pais. Junto com outros filhos de imigrantes da Europa, criou-se um círculo de jovens, éramos em vinte, vinte e cinco, aproximadamente da mesma idade. Organizamos uma biblioteca, organizamos cursos os mais diversos, conseguimos emprestado um terreno baldio na Avenida Europa, pertencente a um membro da família Klabin que limpamos e usamos como campo de esportes. (Na Europa havia muitos movimentos juvenis, que inclusive frequentamos na Alemanha, e aqui também estes foram surgindo.) Tivemos muitas aulas de estudos judaicos e hebraico, cursos sobre assuntos de psicologia com a Doutora Betti,¹ a primeira psicóloga infantil de São Paulo, ex-aluna do famoso Prof. William Stern, com quem fez o doutorado e que estava aqui desde 1933); de Filosofia, com Professor Benno Silberschmidt, que fora Juiz de um Supremo Tribunal Regional na Alemanha; literatura, música e muitos outros.

Além disso, à medida em que as pessoas chegavam da Alemanha, Polônia, da Europa em geral, os refugiados tinham a necessidade muito grande de se ajudarem uns aos outros. Meus pais foram co-fundadores da Congregação Israelita Paulista, em 1936, e toda sua vida continuaram envolvidos em trabalho na comunidade. (Se você estiver interessada, leia o livro “Desafio e Resposta” de Irene e Eva Hirschberg.) Foi uma época em que o estar fazendo um trabalho comunitário era muito importante. Lembro-me que meus pais trabalharam dia e noite, durante a época de Getúlio Vargas, quando ele, de repente, bloqueou a entrada de imigrantes judeus, e estava indeciso entre o Eixo e os aliados. Havia pessoas refugiadas sem visto permanente, correndo o perigo de serem mandadas de volta para a Alemanha (e para a morte - veja Olga Prestes). Na nossa casa, como em muitas outras, foi preciso esconder estas pessoas, até que essa situação mudou e conseguiram os vistos. Trabalhou-se por noites afim para preparar as “chamadas”, tipo de cartas de garantia de pessoas que se responsabilizavam em prover o sustento para aquelas que viriam. Além de estar reconstruindo a vida econômica, a

¹ Bettina Katzenstein (depois Katzenstein-Schoenfeldt)

atuação de minha família e, de maneira geral, da comunidade, estava toda voltada para ajuda mútua e para procurar salvar a quem fosse possível. Todos os novos imigrantes chegados aqui, - nossa família já era veterana - precisavam reconstruir aqui suas vidas e muitos requeriam ajuda para isso. Assim, desde cedo estive imersa em um ambiente que vivia trabalho comunitário. Aliás, entre minhas primeiras lembranças - ainda na Alemanha, com três ou quatro anos - me lembro de visitas que meus pais faziam a um orfanato, onde prestavam trabalho voluntário, de jovens, que encontravam em nossa casa um apoio familiar. E aqui, nossa casa sempre estava aberta a pessoas que precisavam de ajuda, de conselho, de um ambiente familiar e caloroso. (Não é por nada que na nossa família há tantos psicólogos e assistentes sociais, seja aqui, nos Estados Unidos, em Israel. Meus pais durante toda vida estiveram ativos na comunidade, meu pai, falecido muito cedo em 1965, em atividades religiosas e comunitárias e minha mãe durante 45 anos como diretora do Lar das Crianças da CIP [Congregação Israelita Paulista]).

Quando acabei o ginásio, já estava namorando firme com meu marido, que tinha vindo da Bélgica, no último navio que saiu de lá antes da guerra, já com idéias de casar. Meus pais, muito sabiamente, eu tinha 16 anos, me ofereceram a oportunidade de ir estudar nos Estados Unidos, já que tínhamos muitos familiares lá. (Naquele tempo não havia curso de Psicologia aqui, tinha-se que fazer aquela volta através da Pedagogia ou da Filosofia). Mas “se você realmente ficar com a idéia de se casar cedo, então você terá que ter uma profissão”. Desde cedo, tínhamos recebido aulas de inglês particulares, além de frequentarmos a Cultura Inglesa, bem como aulas de datilografia (e também corte e costura). Então aprendi taquigrafia português e inglês e trabalhei dois anos como secretária bilingue em um escritório. Juntei dinheiro, parcialmente para meu enxoval. Continuamos com a idéia de casar e me casei muito cedo, com 18 anos.

Desde que me lembro, com todo este background de trabalho social e comunitário, meus interesses foram para as áreas de psicologia e serviço social. Era entre estas profissões que eu queria escolher. (Inclusive, eu havia feito orientação vocacional com Dra. Betti, que trabalhou junto com todos da comunidade judaica, e dava orientação e apoio psicológicos às famílias de imigrantes.) Evidentemente o trabalho de secretária não me satisfazia intelectualmente, e Dra. Betti me convidou para trabalhar com ela, em uma organização de assistência social, a OFIDAS - Organização Feminina Israelita de São Paulo, que hoje faz parte da UNIBES. Foi o início do meu trabalho com Dra. Betti, que continuou por muitos anos. Fazia visitas domiciliares com ela e depois fazia relatório das mesmas. Aprendi muito com isso, que, inclusive, influenciou muito na minha maneira de trabalhar mais tarde. (Continuo fazendo visitas domiciliares em muitos dos meus atendimentos.) Eu tinha que fazer relatórios, podia assistir entrevistas que ela fazia e depois tinha que fazer resumos.

Tive com ela experiência então na área de serviço social, como também comecei a participar de pesquisas que ela fazia, de estudos de casos e trabalho em psicologia escolar. A Cruzada Pró-Infância tinha uma série de jardins-de-infância. Naquela época, Pérola Byington, uma figura muito especial - não sei quantas pessoas se lembram dela hoje em dia - era Presidente da Cruzada Pró-Infância. Doutora Betti fazia orientação e avaliação das crianças que estavam lá. Comecei a ajudar na avaliação de testes, depois na redação dos relatórios e pareceres. Já que sabia taquigrafia, recebia ditados de Dra. Betti, que depois transcrevia. Trabalhei para Dra. Betti, primeiro como secretária, depois como assistente na parte de Psicologia. Dra. Betti sempre ligava o trabalho clínico com pesquisa; acho que isso também foi fundamental na minha formação e evolução. Continuo acreditando que o trabalho clínico não deva ser desligado da pesquisa. Dra. Betti foi para mim uma tutora, que me deu uma formação como antigamente existia, era

extremamente exigente, porém, muito afetiva e acabou se tornando o que chamo de minha “mãe psicológica”.

Nesse meio tempo tive meus filhos e continuei sempre trabalhando. De modo que tinha essas atividades, minha casa, minha família, meus filhos. Retomei os estudos em 1951 e fiz a Escola de Sociologia e Política, da USP, e Escola Normal. Quando estava cursando a Escola de Sociologia e Política, estava grávida do meu terceiro filho. Em 1953 era muito raro ver mulheres grávidas nas Universidades, realmente não era comum. Atualmente é diferente. Lembro-me que, quando dava aulas na Pós-Graduação, alunas traziam os seus bebês para amamentar no meio da aula e hoje continua assim. Na Escola de Sociologia e Política tive professores muito importantes, Cícero Christiano de Sousa, que deu Psicopatologia e Rorschach, Virgínia Leone Bicudo, que deu Psicanálise, Oracy Nogueira, em Sociologia, Egon Schaden, em Antropologia, entre outros. Naquela época também fiz o curso de Rorschach com Aniela Meyer Ginsberg, ministrado no IDORT. Enfim, estava trabalhando em Psicologia. Nesse tempo começou o movimento pela regulamentação da profissão do psicólogo e a luta pela lei.. Participei indiretamente, junto com a Doutora Betti, que foi uma das pessoas que fazia parte do grupo básico, Aniela, Padre Benko, Carolina², Arrigo³ e Oswaldo de Barros Santos. Pelo regulamento, eu poderia ter obtido registro como psicóloga, por desenvolver a atividade há mais de cinco anos, mas quando surgiu, em 1958, a possibilidade do Curso de Psicologia oficializado, regular, resolvi fazê-lo.

Prestei vestibular e fiz o Curso de Psicologia. Tive a grande sorte, durante o curso, de ter Prof. Fred S. Keller ⁴, em 1961, como professor. Ele foi a segunda pessoa fundamental na minha vida acadêmica e profissional, meu “pai psicológico”, porque meu trabalho foi se inclinndo mais, a partir daí, inclusive pelo incentivo que recebi desse professor, para a análise comportamental. Ao mesmo tempo, tinha obtido uma boa base em Psicologia Dinâmica.

Acabei o Curso de Bacharelado e Licenciatura, inscrevi-me para o Doutorado, com Bolsa da FAPESP. Meu trabalho foi sobre Rorschach infantil, um estudo normativo de crianças paulistanas, de 7 a 10 anos. Minha tese foi publicada pela Editora Vetor em 1969 em dois volumes, que estão esgotados. Estava se planejando fazer uma segunda edição, que ainda não se realizou.⁵ Minha orientadora foi Annita de Castilho e Marcondes Cabral oficialmente, mas minha orientadora não oficial, na verdade, foi Professora Carolina Bori. Acho importante dizer do significado de Carolina na minha vida, formação e trabalho. Carolina, para mim, foi um modelo importante e norteador, em termos de seriedade, profundidade de conhecimento, e que sempre me deu muito apoio. Acredito que há entre nós um laço de amizade forte, mútuo. Carolina é uma pessoa que se destaca não só no cenário nacional, como no internacional, em termos de sua contribuição à Psicologia e à Ciência em geral. As homenagens que recebeu quando completou 70 anos eram todas super válidas. Seu papel no desenvolvimento da Psicologia Experimental no Brasil, no desenvolvimento da Análise Comportamental foi e é fundamental ainda. É uma figura importante, não apenas na minha vida, mas na de inúmeros alunos, orientandos e pessoas com quem ela entrou em contato.

Quando acabei a tese, fui convidada para ser Professora Assistente Doutora, tanto por Carolina, no Departamento de Psicologia Experimental, como pelo Professor Arrigo, que queria que eu fosse para o Departamento dele. Acabei optando por ir para a

² Carolina Martuscelli Bori

³ Arrigo Leonardo Angelini

⁴ Fred S. Keller

⁵ José Glauco Bardella - Proprietário e Editor da Vetor Editora.

Experimental, principalmente para o Curso de Pós-Graduação, em que ministrei cursos sobre comportamento humano, como “Observação do comportamento humano”, “Modificação comportamental”. Além disso, cursos básicos que a gente sempre tinha que ministrar também, eu gostava de dar curso para o pessoal da Educação Física, que nem todos queriam dar. Gosto muito de lecionar. Acho que tive a oportunidade de participar da mudança da Maria Antônia para a Cidade Universitária e da mudança estrutural, quando dois Departamentos de Psicologia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo se transformaram em Instituto de Psicologia, com seus quatro Departamentos. Foi uma época que considero muito especial do Departamento de Psicologia Experimental. Acho que ele reunia um grupo excepcional de pessoas, professores e formadores de alunos, com conhecimentos profundos. O único problema que tínhamos, era que cada um era muito bom, mas em termos de convivência, aí já não éramos tão eficazes. Talvez deveríamos ter feito uma dinâmica de grupo. No meu coração, considero-me ainda parte do Departamento, apesar de não estar mais lecionando, mas pela pesquisa, inclusive, que estou desenvolvendo como bolsista do CNPq e por meus contatos com alguns de seus membros.

Fiquei na USP lecionando até 1976, quando tive um problema grave de saúde, fiz uma cirurgia muito séria na coluna, acabei pedindo demissão, continuando como Professora Participante com orientandos de Mestrado e Doutorado. Desde então, continuo ligada ao Departamento, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na área de concentração de Psicologia Experimental. Acho que apesar de, às vezes, ter me arrependido de não ter agüentado, foi até proveitoso, porque tive algumas vantagens que as pessoas que trabalham dentro do sistema não têm. Quanto mais se cresce no cargo, mais tarefas administrativas se recebe, mais tem que participar de comissões, cargos administrativos, etc. Eu tive a possibilidade de lecionar, de ter os orientandos, estar trabalhando em pesquisas e de conduzir as minhas próprias. Tive a coisa boa, sem ter a coisa chata, ao mesmo tempo. Aquela opção também foi devida ao fato de que minha contribuição para o orçamento da casa era necessária e como psicóloga clínica o ganho era significativamente maior, o que tornava necessário que continuasse com o consultório.

Então, tem um outro lado, que é o meu trabalho clínico. Trabalhei com a Doutora Betti até, mais ou menos, 1965, já não todos os dias, mas sempre dando uma mão e estando com ela. Comecei clínica própria, como psicóloga autônoma, trabalho que continuo até hoje.

Outro lado ainda de minhas atividades foi meu trabalho em instituições. Em 1959, fui convidada pela Federação Israelita do Estado de São Paulo, junto com a psicóloga Rachel Vieira da Cunha e uma assistente social, Terezinha Zabirowski, a fazer um *survey* sobre crianças com problemas de retardo e de comportamento, nas escolas judaicas da comunidade, no Lar das Crianças da CIP e na creche da OFIDAS. Chegou-se à conclusão que havia realmente um número suficiente de crianças que precisavam de ajuda especial e que estavam, inclusive, não sendo adequadamente atendidas, ao mesmo tempo perturbando o andamento nas instituições. No Lar das Crianças, a maioria, naquela época, eram crianças que vieram depois da Guerra, cujos pais haviam passado por campos de concentração, por problemas sérios, muitas delas órfãs, por parte de pai ou mãe, ou de famílias empobrecidas, que haviam passado por traumas sérios.

Como resultado deste levantamento, um grupo da comunidade judaica fundou o CIAM - Centro Israelita de Assistência ao Menor. Além de co-fundadora, fui a Diretora, tanto da Clínica de Orientação Infante-Juvenil que foi criada, junto com a Escola - Instituto “Harry Fromer”, com semi-internato e internato, que naquela época, atendeu crianças e

adolescentes com retardo leve a moderado. Continuei, por mais de dez anos desenvolvendo esse trabalho, voluntariamente. Foi um trabalho muito bom, de muita construção, muito satisfatório. Hoje o CIAM continua, com outra população e com outra Diretoria e tendo fundado a “Aldeia da Esperança”, residência para adultos com retardo de desenvolvimento.

Em 1971, fui para os Estados Unidos, fiquei por um período com o Professor Keller e D. Frances, na casa deles, em Kalamazoo, visitando a *Western Michigan University*, onde havia um currículo voltado para a Análise Experimental do Comportamento, conhecendo grande parte dos professores, e vendo o que se estava fazendo em Psicologia Aplicada. Tive, naquela época, uma vontade grande em sair mais da Psicologia Clínica e partir para me aprofundar em pesquisa básica. Discuti isso com o Professor Keller e D. Frances, sua esposa, numa das famosas sessões das cinco da tarde. Ele costumava dizer “let’s roll out the barrel” e, cada um com seu drink, Professor Keller com um *very dry martini*, que gostava de preparar, batíamos papo. Ele me convenceu de que deveria continuar o trabalho com pessoas, que este era meu forte, e que poucos na área de análise comportamental tinham a minha experiência clínica. Ao me despedir, ele disse que gostaria que eu voltasse para o Brasil e fizesse alguma coisa inovadora em análise comportamental aplicada.

Quando voltei ao Brasil, por coincidência, Celma Cenamo, psicopedagoga, das melhores que temos, estava com a idéia de fundar uma escola para crianças com retardo severo e problemas comportamentais igualmente severos. Isto porque ela mesmo tem uma filha com síndrome de Down, que estava em uma escola, onde não havia mais condições dela continuar. Ela havia acabado de voltar dos Estados Unidos, onde com um grupo daqui, visitou uma série de instituições e estava claro para ela que essa nova entidade deveria trabalhar em linha comportamental. Ela me convidou para estar organizando a programação, preparando professores e atendentes, e orientar o trabalho com os alunos, especialmente aqueles com problemas sérios de conduta. Aceitei o convite por vários motivos: o primeiro, o desafio que representava poder criar, do zero, uma instituição guiada por princípios comportamentais. O segundo motivo foi a percepção de que estaria se criando um local, onde meus alunos de Pós-Graduação pudessem fazer seus estágios (desde que aceitassem trabalhar com esta população, e aqueles que o fizeram, acharam a experiência muito positiva), uma vez que fazer pesquisa e ajudar outros a realizarem as suas, estava dentro dos objetivos da instituição.

Organizamos o trabalho, treinamos os professores, construímos programas individualizados para as crianças e continuei por mais de 20 anos a supervisionar o trabalho desenvolvido. Saí de um tipo de instituição em que estava trabalhando com crianças e adolescentes com problemas relativamente leves, limítrofes, retardo leve e moderado, para trabalhar agora com uma população de crianças, adolescentes e mais tarde também adultos, com problemas severos, tanto físicos, como psicológicos: retardo severo, paralisia cerebral, autismo, características psicóticas, problemas sérios de comportamento. Começamos a fazer um trabalho bem sistemático lá, que foi, durante muitos anos, um modelo de como trabalhar com essa população. Várias teses de Mestrado e Doutorado de orientandos meus foram realizadas na Escola da Carminha com alunos da instituição, que sempre acolheu pesquisadores.

Deste trabalho surgiu também meu livro “Passo a Passo: O Seu Caminho: Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas”, editado pela EDICON, em 1988. É toda uma programação ligada àquelas habilidades que são tão básicas às crianças e que as normais adquirem sem maiores problemas, mas que crianças com problemas aprendem com muita dificuldade e trabalho. (Essas habilidades são: todas habilidades de senso-

percepção, contato visual, comportamento exploratório, imitação, atendimento de ordens, usar brinquedos funcionalmente, jogo simbólico, toda a parte de comunicação, compreensão verbal, identificação de pessoas, objetos, figuras, etc., a parte de expressão verbal, discriminação. Um problema que essas crianças têm é a dificuldade de expressar suas emoções e de reconhecer, inclusive, também no outro o que ele está sentido. Desenvolvemos um programa que é meu xodó, de reconhecimento e expressão de sentimentos. Além disso, evidentemente, toda a parte de atividades de vida diária.) Acho que é uma obra, novamente sem falsa modéstia, muito importante, podendo ser usada por várias e diferentes pessoas, tanto por professores, pais, como por pesquisadores, pela maneira em que está escrita; ela dá uma orientação bem segura de como proceder. Ao mesmo tempo, tem sugestões de atividades para o professor usar e também toda uma série de capítulos sobre como instalar, aumentar e diminuir comportamentos, os indesejáveis, que procedimentos de ajuda podem ser adotados. Acho que é um manual básico para quem trabalha com crianças, sejam retardadas, com deficiências auditivas, autistas e mesmo para as normais, mas que são culturalmente privadas, que muito mais tarde aprendem uma série de coisas.

Hoje em dia estou trabalhando muito - e também escrevi vários trabalhos e capítulos de livros a respeito - com crianças portadoras de autismo.

Outra área de pesquisa e interesse sempre foi a área de desenvolvimento infantil, especialmente de bebês, interação mãe-pai-bebês. Este foi um interesse que surgiu já em 1953, quando ainda estudante, tive ocasião de colaborar com Dra. Betti e com Professor Dr. Raul Briquet, que estavam propondo introduzir no Hospital das Clínicas alojamento conjunto mães-bebês. E surgiu o primeiro trabalho que publiquei exatamente sobre alojamento conjunto e autoregulação de bebês (quanto a horários de amamentação). Mais tarde, vários de meus orientandos fizeram pesquisa nesta área. Meu interesse aqui, novamente, também foi de conseguir promover um trabalho interdisciplinar entre médicos, neonatologista, neurologistas, e psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, que trabalhavam com bebês, especialmente com bebês com problemas. Mas isto é outra história.

Apesar de ter me afastando do trabalho sobre Rorschach, acho-o um instrumento importante na clínica e continuo usando-o, em avaliação. Quando se usa o Rorschach em pesquisa, existem problemas. As pessoas que estão fazendo pesquisa com Rorschach deixam de reconhecer isso. No meu trabalho de Doutorado, por exemplo, ficou claramente demonstrada a influência do aplicador, que realmente acontece, ela é muito grande em relação ao resultado. Não acontece quando você aplica um teste objetivo, aliás, pode até acontecer, mas se várias pessoas aplicam o Rorschach - imagine, por exemplo, Aniela Ginsberg, Aníbal Silveira, eu, ou uma pessoa que está começando - os resultados ficam diferentes. Tanto assim, que na análise de variância que fiz, ficou clara a influência de aplicadores sobre o resultado do Teste. Usei 4 aplicadores, e a psicóloga Rachel Vieira da Cunha, também grande conhecedora do Rorschach, foi capaz de identificar as pessoas responsáveis por uma ou outra diferença, isto é, não apenas foi possível analisar a criança, mas foi possível identificar que tipo de aplicador conseguia um resultado diferente. Tive um grande amigo e matemático, ajudando-me, Professor Severo⁶, que foi o “terror” de muitos alunos na USP, nas suas aulas de estatística. (Ele fez parte da primeira turma de psicólogos que se formou, embora já fosse Professor de Estatística e Matemática da USP. Aliás, houve várias pessoas que já haviam feito uma formação e que resolveram fazer esse primeiro Curso.) Severo orientou a parte estatística do meu trabalho. Ele sempre dizia que a única possibilidade era você ter também uma

⁶ José Severo de Camargo Pereira

amostra grande de aplicadores para diluir o efeito da influência do aplicador. De modo que não acredito muito na pesquisa com Rorschach, se você não leva isso em consideração.

Voltando ao meu trabalho psicoeducacional, na Escola da Carminha (CARE). Quando começamos aqui, em 1972, já havia uma série de pesquisas e instituições nos Estados Unidos, trabalhando com analistas do comportamento. Mas muitos programas não eram diretamente aplicáveis aqui; havia diferenças culturais e sociais e então começamos a criar os nossos próprios programas e a nossa maneira de trabalhar. Há uma diferença acho que em parte cultural, entre o psicólogo comportamental brasileiro, e também o professor que trabalha dentro de uma metodologia comportamental, por exemplo, e o profissional americano. Aqui começamos desde 1972 a procurar evitar o quanto possível o uso de contingências aversivas. Para dar um exemplo, quando organizamos a escola, que foi instalada em um bangalô adaptado, “precisávamos”, de acordo com o modelo americano, de uma salinha de *time out*, mas onde? Sempre achávamos uma outra possibilidade de uso para os espaços à nossa disposição e assim, no fim, praticamente nunca a tivemos, porque chegamos à conclusão que era muito mais importante ensinar aos professores a usar reforço positivo do que estar usando punição. Acho que existe uma rejeição, na própria mentalidade do professor, e mesmo do psicólogo brasileiro, em usar conseqüências negativas. Punição funciona a curto prazo, mas se você não tem um pessoal muito bem formado, facilmente isto se torna uma arma perigosa em educação e difícil de controlar. Então era preferível fazer o professor procurar outros caminhos. Estávamos sempre a postos, observando, orientando, dando sugestões, procedimentos.

Só para lhe dar um exemplo interessante: Tivemos um aluno muito difícil, S., gritava muito, agredia todos, se autolesava, esfregava fezes pelas paredes, enfim era “fogo” trabalhar com ele. Pedimos ajuda a Larry Williams, que acabara de chegar ao Brasil, um psicólogo e professor canadense, formado na Universidade de Winnipeg, no Estado de Manitoba, Canadá, com o Professor Gary Martin, um dos primeiros psicólogos comportamentais que vieram dar cursos aqui, em São Paulo, na PUC. Larry tinha trabalhado e feito seu doutorado em Portage, Manitoba, uma grande instituição canadense para pessoais excepcionais, com uma programação comportamental. Larry começou a trabalhar com esse menino, junto com duas psicólogas estagiárias. Em dados momentos de comportamentos inadequados o seu “no” era bem forte. Larry teve resultados positivos, conseguiu uma melhora bastante grande, o menino continuou a apresentar seus problemas, mas tornou-se possível trabalhar com ele. Depois de quatro, cinco anos Larry veio fazer uma visita na CARE. No momento em que S. o viu, ele disse: “no!” Quer dizer, esse *no* realmente ficou tão marcado, que depois de tanto tempo ainda foi lembrado.

Aliás, muita gente que se formou na “Escola da Carminha” (Carminha - Associação para a Reabilitação do Excepcional -CARE) teve um desenvolvimento muito grande. Acho que formamos uma série de profissionais bons lá. O trabalho da CARE que desenvolvemos foi tanto de atendimento das crianças, como de formação continuada dos professores e pessoal em serviço. Os professores, em geral, lá eram estudantes dos últimos anos de cursos de Psicologia ou então, psicólogos recém-formados. Analisando os candidatos a professores que vêm hoje em dia, percebe-se uma deterioração do ensino na área, principalmente de Experimental e Psicologia do Excepcional. Porque, enquanto os primeiros grupos, até 1980, talvez um pouquinho mais, vinham com uma boa base, tínhamos apenas que acrescentar alguma coisa ligada ao trabalho mais específico. Com os atuais, é preciso começar mais do ABC, retomar conceitos e estar

constantemente presente, orientando-os, dando muito menos liberdade a eles, do que podíamos dar nos primeiros anos, quando eles já vinham com embasamento. Continua sendo um trabalho muito importante. Esse foi um dos trabalhos que desenvolvi, do qual me orgulho bastante.

Sempre tive uma preocupação muito grande em levar para fora do grupo de psicólogos comportamentais os conhecimentos da Análise Comportamental. Então ministrei, em 1974, um primeiro curso para fonoaudiólogas e pedagogas - acho que havia também duas fisioterapeutas no meio - sobre princípios básicos de aprendizagem e sua aplicação ao trabalho que desenvolviam. Uma boa parte das pessoas que participaram desse curso continua usando os ensinamentos que foram dadas. Preciso destacar aqui, especialmente, uma fonoaudióloga, Lúcia Werner Pellicciotti, cujo trabalho na área de comunicação acompanhei e do qual participei durante muitos anos. É um trabalho que temos apresentado em muitos congressos. Infelizmente, Lúcia faleceu com 38 anos, muito precocemente. Mas eu me comprometi com ela e estou no computador, justamente, organizando um livro, no qual estamos descrevendo esse trabalho nosso. Muitas vezes, naquela época e mais tarde, tenho sido procurada por outros profissionais, os "afins", como eles mesmo se denominam, que me diziam: "não consigo trabalhar com esta ou aquela criança, ela tem problemas comportamentais muito grandes, que não consigo trabalhar com ela. Gostaria que você observasse e me desse orientação". À medida em que eu ia observar o trabalho deles, observava não apenas, evidentemente, o comportamento da criança, como também do profissional. Comecei a mostrar para eles, que muita coisa estava ligada à sua atitude profissional e pessoal e não a problemas da criança. É tão geral a idéia, ou a defesa do profissional, seja ele professor, fonoaudiólogo, ou mesmo pai, que a criança não aprende porque não quer, porque é preguiçosa, porque não tem concentração, etc., sem que as pessoas se questionam sobre seus métodos, sem que analisem as habilidades da criança, ou procurem procedimentos mais adequados para que seu aluno aprenda. Frequentemente não se está levando em consideração em que pé de desenvolvimento ele está, se estão claros os objetivos que se quer alcançar. Então, quando profissionais começaram a se questionar sobre sua maneira de trabalhar, aprenderam a olhar melhor e a ensinar melhor. Nesse sentido, acho que eu tive uma influência ao tentar desenvolver um trabalho interdisciplinar, e mesmo transdisciplinar. Na CARE, fizemos realmente um trabalho transdisciplinar, em que havia um trabalho conjunto, em que as profissionais comunicavam seus problemas e discutíamos juntas procedimentos de ensino mais eficazes. Cada especialista não só trabalhava diretamente com os alunos, mas dava orientações detalhadas para os educadores, de modos que estes estenderam o trabalho especializado.

O trabalho com Lúcia foi a tentativa de ajudar a lidar com problemas de comportamento, assim como ajudar a organizar o trabalho com crianças com problema de fala e/ou também com deficiência auditiva. Num trabalho conjunto desenvolvemos um sistema que ocupava de dez a quinze minutos - da sessão de 45 minutos - com treino de fala, enquanto o restante do tempo na sessão de fonoaudiologia era ocupado com atividades outras, que procuravam atender as necessidades daquela criança. Chamamos esse sistema de *treino sistemático hierarquizado de emissão fonêmica*. Esse treino está sendo usado por uma série de fonoaudiólogos, que o adaptaram não apenas para a fala, mas, por exemplo, na parte de escrita, para sistematizar e programar as atividades, indo do mais fácil para o mais difícil, usando o interesse da criança, procurando envolvê-la, usando reforço que, no começo, poderia ser tangível, mas que muito rapidamente poderia ser passado para uma atividade no final ou uma brincadeira, enfim, por alguma coisa que a criança escolhesse. Esse foi também um trabalho que tenho desenvolvido e acho que foi muito positivo.

S: Conte sobre a Escola de Sociologia e Política.

Margarida Windholz: Naquela época se podia fazer o que eles chamavam de “seqüência de”. Fiz seqüência de Psicologia., em um curso de três anos. No primeiro ano, fazia-se todas as introduções de Psicologia, Sociologia, Política, Economia e Antropologia. Depois podia se escolher os cursos de Psicologia e alguns outros eventualmente. Acho que foi uma experiência boa para mim e que teve uma influência grande sobre minha formação. Deu-me uma sistematização de conhecimentos que eu vinha adquirindo, através de meu trabalho e leituras com a Doutora Betti. Mas não me satisfiz, então achei que tinha que estar continuando mesmo.

S: Como foi o seu vestibular?

Margarida Windholz: Tirei o segundo lugar, só porque Severo tirou o primeiro. Ele tirou dez em Matemática, não dava para concorrer. Foi tranquilo. Desta primeira turma saiu um grupo muito bom, que hoje, em grande parte, está ativo na vida acadêmica, em pesquisa ou na área de aplicação: Maria Amelia Matos, Dora Fix (hoje Ventura), Maria Ighes Rocha e Silva (hoje Lacey), Maria Helena Raimo, Carlos Prósperi, Lucia Salvia (hoje Coelho), entre outros. Tivemos a sorte de ser o grupo que teve Professor Keller dando Psicologia Experimental. Às suas aulas vinham também professores já formados, Carolina Bori, Rodolfo Azzi, Isaias Pessotti. Ter tido esta oportunidade, e vir a fazer parte do que ele chamava carinhosamente seu “gang” foi muito importante. Professor Keller faleceu um mês depois do seu aniversário, há dois anos, com 96 anos. Era uma figura extraordinária, como já disse antes. Ele era muito especial!. Fico pensando, às vezes, se não tivesse havido Keller, se Skinner teria tanta influência sobre a formação de pessoas aqui no Brasil. Keller era O Professor nato, O Mestre, com seu carisma e charme todo especial, u, incrível ser humano. Sua mulher, Frances, também foi e é uma pessoa muito especial. Fui (como muitos outros brasileiros) recebida de braços abertos em várias ocasiões em que estive nos Estados Unidos na sua casa, sempre ficando lá, primeiro em Kalamazoo, depois em Georgetown, quando estive em Washington, em 1976, quando, com uma Bolsa da FAPESP visitei diversos Centros e Universidades americanos. Nas suas vindas para cá, algumas vezes ele ficou na minha casa. Enfim, tivemos um relacionamento muito de perto, de muita amizade.

S: Gostaria que a senhora comentasse sobre a Reforma Universitária.

Margarida Windholz: Acho que não consigo falar muito bem sobre este tema. Eu vivi, como aluna, o curso na Maria Antônia. Depois como Professora, na Cidade Universitária. Há um *gap* de conhecimentos reais do que estava acontecendo internamente neste período. Só as fofocas e isto não interessa aqui. Vivi o Departamento na sua forma nova. Então não vivi a transição nem como professora nem como estudante. Mas comecei a conhecer política ou politicagem, grandeza e mesquinharía na ocasião, algumas coisas marcaram muito.

Quando entrei no Departamento, trabalhei com muito entusiasmo, acho que tive um papel importante, na vida de algumas pessoas.”

S. Gostaria que a Sra. me falasse como aprende.

MARGARIDA H. WINDHOLZ : Acho difícil responder a esta pergunta. Pelos mesmos princípios de aprendizagem pelos quais todos nos aprendemos. A gente, na vida, continua aprendendo o tempo todo, através de vivências pessoais, vivências de outros, quer dizer das nossas experiências diárias. Através de modelos de outros, através de erros e acertos. Leio muito, observo muito, faço pesquisa e esta sempre é uma desafio a

novas aprendizagens. É preciso não só ler e integrar o lido com nossos conhecimentos, com nossa visão, com nossa maneira de ser. A aprendizagem está na própria ação. A partir daí vem o processo de análise, de novas consultas e finalmente a procura de entender e integrar os resultados dentro do meu esquema teórico. Não sei se é bem isso, mas...

S. Gostaria que a Sra. me falasse como estuda.

MARGARIDA H. WINDHOLZ: Em geral, quando me proponho a estudar determinado assunto, livro, trabalho, revista, preciso de um lugar tranquilo, na minha casa, numa biblioteca, um canto tranquilo no sítio. Agora com as vantagens do Internet, fica bem mais fácil ter acesso a material que se está procurando e, dependendo de estar fazendo um novo trabalho - aliás estou com três assuntos no momento sobre os quais estou levantando material - posso ficar até altas horas da noite navegando. Nunca me dei bem estudando em grupo, acho que meu ritmo é muito diferente, me impaciento. Agora, em se tratando, de estudar discutindo determinado assunto com outras pessoas, aí é diferente. Gosto muito e sou, inclusive, uma boa condutora de discussões. Não deixo as divagações irem longe demais, e procuro trazer o pessoal de volta ao assunto básico.

S. Gostaria que a Sra. me falasse como ensina.

MARGARIDA H. WINDHOLZ: Essa é uma pergunta de muitas respostas. Quando trabalho com um grupo grande, seja na Universidade, ou em cursos, não gosto de aulas expositivas. Acho um absurdo hoje em dia as aulas em que o professor fala - dita, respectivamente - a "matéria", um sinal de pobreza. Então gosto de fazer um trabalho mais dinâmico com os grupos. Outra coisa é quando você dá uma conferência, o que sim eu gosto. Eu me preparo bastante, e sou organizada.

Mas tudo isso é muito geral. O que fazer depende de quem você está ensinando: universitários, profissionais, crianças pequenas, adolescentes, sem ou com problemas.

Sigo os critérios que, a meu ver, fazem parte de um bom ensino: saber quais os objetivos, e como chegar a eles, quais os melhores procedimentos. Quais os conhecimentos, o repertório dos meus alunos e quais os critérios para considerar que o aluno aprendeu. Procuro - e espero conseguir - fazer os alunos trabalhar e fazê-lo com prazer.

Acho que, por natureza, como mãe, educadora e orientadora, fui sempre reforçadora, procurando as forças de cada um, ajudando a vencer os pontos fracos e estabelecer então uma boa dosagem de incentivo e desafio.

Como uma boa parte de minhas atividades foi ocupada com a criação de Programas para indivíduos com problemas de desenvolvimento, muita ênfase nestes casos foi dada a uma boa análise de tarefas, para estabelecer os passos de ensino. No trabalho com estes indivíduos sempre houve preocupação também com a maneira de ensinar, em situação mais formal, mais rígida e programada ou mais informal, em situação natural, com a frequência de apresentação dos tópicos de ensino, com material

atraente e significativo. Acho que falar em detalhe sobre “como eu ensino” levaria algumas páginas mais.

Em poucas palavras, adotei o lema de Judith LeBlanc e Liliانا Mayo: o ensino deve ser funcional, natural e divertido, para minhas atividades com crianças, adolescentes e adultos com retardo de desenvolvimento, portadoras de autismo, deficientes auditivas, e outros problemas ou distúrbios de desenvolvimento.

Quem sabe, penso melhor sobre sua pergunta e escrevo um trabalho!